



11 de fevereiro de 2017

A unidade da Oposição vai se forjando na base de propostas discutidas coletivamente.

Contatos: www.pormassas.org
e-mail: por@pormassas.org

NECESSITAMOS:

Aprovar um plano de ampla intervenção nas escolas, objetivando aglutinar a parcela descontente para as posições do sindicalismo classista.

À Plenária da Oposição

Estamos diante de uma situação econômico-política extremamente grave para os explorados. O desemprego não dá tré-gua. Os 13 milhões sem trabalho e outros milhões que já não fazem parte das estatísticas engrossam a pobreza e a miséria por todo o país. A queda do poder aquisitivo atinge o proletariado e camadas da classe média. Desemprego, subemprego, baixos salários e a brutal precarização das condições de trabalho são consequências da enorme recessão que atinge o país. E têm sido fonte dos descontentamentos, não só para a parcela diretamente vinculada à produção como também para o professorado. Somam-se a isso os enormes ataques que estão por vir com as reformas da previdência, trabalhista e do ensino médio.

Consolidar um setor de oposição à burocracia da Apeoesp é importante nesse quadro de profunda crise econômica e, conseqüentemente, de conflitos interburgueses, expressos no golpe que derrubou o governo do PT, nas ações da Lava-Jato, nas decisões tendenciosas do Supremo Tribunal Federal/procuradorias, nas manobras executadas no Congresso Nacional e nas disputas entre os partidos que sustentam o golpista Temer. Está aí por que tem de ser uma oposição capaz de aglutinar a vanguarda combativa e canalizar o descontentamento dos professores para potencializar o enfrentamento de conjunto às medidas antipopulares e antinacionais do governo Temer/Alckmin.

Aparentemente, há uma confluência entre as posições da burocracia da Apeoesp/PT e seus aliados com as dos setores oposicionistas. Essa aparência se dá no nível do discurso. Todos comparecem como combatentes às reformas de Temer e defensores das conquistas sociais. Mas essa linha de confluência será posta à prova na medida em que as reformas avançarem e a necessidade da luta direta se tornar inevitável. A burocracia, certamente, fará de tudo para retomar sua política de conciliação de classes. O campo da burocracia sindical é o das negociações parlamentares em torno das emendas, ou de "disputas de projetos", como diz a diretoria da Apeoesp. As mobilizações, assim, serviriam apenas como moeda de barganha nas esferas governamentais. Fatos como a ida das centrais ao Congresso Nacional no dia 22 de fevereiro, algumas abertamente para negociar emendas, a exemplo da Força Sindical e congêneres; outras para apresentar suas propostas de reformas, como o caso da CUT e aliados, concretizam nossa crítica ao apego das burocracias sindicais à conciliação de classes.

Constituir um polo oposicionista a essa política é a tarefa fundamental. Daí a importância da defesa da independência político-sindical no sindicato/Apeoesp, que deve estar combinada com os princípios do sindicalismo classista, entre eles o da democracia operária. São, assim, instrumentos imprescindíveis na luta pelas reivindicações e no combate às reformas de Temer. O objetivo é o de recuperar nossa organização sindical, o que implica chocar com a direção, que, durante esses 13 anos do governo petista, o estatizou. É sobre o terreno da independência sindical que poderemos potencializar a unidade e a ação direta dos explorados. Enfrentaremos as reformas de Temer com os mé-

todos que são próprios da classe operária, único caminho para defender nossos empregos, salários e direitos trabalhistas.

Não podemos desconhecer as diferenças entre os setores que compõem a Oposição, que estão expressas nas bandeiras do "Fora Temer", "Eleições Gerais"; na defesa do "governo dos trabalhadores"; na luta pelo governo operário e camponês, etc. Como, também, os pontos que unificam que esses setores, como o combate às medidas de Temer pela via da unidade do conjunto dos trabalhadores. As diferenças deverão ser discutidas e resolvidas pelo voto em plenárias. Não podemos trazer para interior da Oposição o chamado "consenso progressivo" ou a "ação somente por consenso", porque isso, na prática, leva a execução da política de grupos majoritários ou de práticas antidemocráticas, como a de acordos entre correntes. O direito de expressar as divergências fora e dentro da Oposição, ao contrário dos "consensos", só a fortalece. Isso permite separar as posições da burocracia sindical da política da Oposição.

A convocação de plenárias abertas é imprescindível. A unidade da Oposição vai se forjando na medida em que as propostas sejam discutidas coletivamente. O problema das eleições da Apeoesp comparecerá como um processo natural de unidade de correntes para se opor às reformas do governo golpista, bem como, às medidas de Alckmin/Dória em São Paulo.

Fazem parte dessa discussão, os eixos que mobilizam os professores. No Conselho da Apeoesp (4/2), entre os setores de oposição, havia aqueles que consideravam a reforma da previdência como sendo o carro-chefe e outros que apontavam a importância da luta pelo reajuste salarial. A Corrente Proletária não separa as reformas do governo golpista do congelamento salarial imposto por Alckmin. A luta contra a "PEC do teto dos gastos" corresponde à defesa das reivindicações do funcionalismo, entre elas o reajuste salarial. Portanto, não se a separa das outras reformas, previdência, trabalhista e ensino médio. Isso por que as reformas fazem parte da política de "ajuste fiscal", de corte de recursos à saúde, educação, moradia, previdência e de precarização das relações de trabalho. Trata-se de medidas que têm como objetivo sustentar o parasitismo financeiro, dilapidar os recursos nacionais e aumentar a exploração do trabalho. A discussão, na plenária, das reivindicações, que serão aprovadas na assembleia do dia 8 de março, ajudará a compreensão de nossas posições. Entre nós, como dissemos, não podemos ocultar nossas diferenças.

Essa primeira plenária tem como tarefa aprovar um plano de ampla intervenção nas escolas, objetivando aglutinar a parcela descontente para as posições do sindicalismo classista. Promover debates nas regionais e subseções, com o intuito de politizar e fortalecer essa frente oposicionista. É nosso dever fazer um trabalho direto nas escolas da capital e de cidades do interior. Há desconfianças e um profundo retrocesso político no seio do professorado que precisam ser quebrados em favor da luta de classes e do sindicalismo revolucionário. Esse é caminho que deve ser trilhado por esses setores que compõem a Oposição.